

Representação e Inconsciente¹

Representation and Unconscious

Roaldo Naumann Machado²

"Entretanto, hoje ainda se olha a psicanálise como algo suspeito e místico, e seu inconsciente é, entre o céu e a terra, uma daquelas coisas que a sabedoria acadêmica nem se atreve a sonhar" (Freud 1941f, p170).

"Viver é experimentar de uma forma continua o que se origina de uma situação de encontro" (Aulagnier 1975 p30).

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo o estudo da representação e sua função na estruturação do inconsciente. Para tanto, o autor trabalha com os conceitos de representação-corpo, representação-coisa e representação-palavra procurando estabelecer aproximações quanto as suas formações e enlaces. Baseado principalmente na obra de Freud, refere-se também a outros autores como David Maldavsky e Piera Aulagnier.

Summary: The present paper aims at the study of the representation and its function in the structuring of the unconscious. Therefore, the author works with the concepts of representation-body, representation-thing and representation-word trying to establish approximations concerning their formations and bonds. Based mainly upon Freud's work, he also refers to other authors as David Maldavsky and Piera Aulagnier.

Descritores: Representação de coisa, representação de palavra, identificações primárias, pensamento, Bion e Aulagnier.

Keywords: Representation of thing, representation of word, primary identifications, thought, Bion and Aulagnier.

¹ Trabalho realizado em Setembro de 2003.

² Psiquiatra, Analista Didata da SPPA.

A Guisa de introdução: Uma definição

O nosso tema proposto versa sobre a representação. Embora possamos coletar várias definições sobre o termo, é importante que se possa razoavelmente definir o que entendemos por representação. O Novo Dicionário Aurélio, nos aspectos que dizem respeito ao nosso assunto, fala de

"Coisa que se representa, reprodução do que se pensa, conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento".

Já Ferrater Mora, sintetizado por D. Maldavsky (1977, p27), sistematiza o conceito da seguinte forma:

"(1) representação como equivalente à percepção, isto é, como apreensão de um objeto presente no campo perceptual; 2) representação como reprodução consciente de percepções passadas, isto é, como lembranças; 3) representação como antecipação de eventos futuros a partir da combinação de percepções prévias, isto é, representação como imaginação, 4) representação como composição na consciência de percepções não atuais, isto é, como imaginação ou, inclusive, alucinação".

Enfatiza também Maldavsky a diferença e o caminho circular, isto é, dialético, entre a *representação* e a *apresentação*: Assim, a representação surge a partir da percepção e pode, como assinala a definição de Ferrater Mora, gerar alucinações, bem como as representações, uma vez constituídas em sistemas, como Freud sugere na carta 52 (1950a), podem organizar os estímulos sensoriais em entidades coerentes e com sentido. Vale neste sentido, conforme também assinala Maldavsky (p28), as considerações de Lacan (1956-57), privilegiando o sentido etimológico da palavra alemã *Vorstellung*, isto é, uma re-apresentação ou algo que se coloca entre o sujeito que percebe e a coisa do mundo, categorizando o universo sensível. Este último só é apreensível através da representação. Também, neste sentido, cabe lembrar o que entende Aulagnier (1975 p23) por atividade de representação, estabelecendo uma semelhança com os processos orgânicos do metabolismo. O material que se incorpora com o objetivo de torna-lo homogêneo à estrutura incorporadora é um elemento de informação e, em última instância, não poderá exceder a capacidade

estrutural de cada sistema (*originário, primário e secundário*). Esta é uma '*lei geral*' dos sistemas de registros (p27).

Tomemos, entretanto, a sugestão esboçada por Freud na carta 52 de que, as representações, uma vez constituídas, são organizadoras das apresentações do universo sensível aproximando o sugerido com os conceitos de instinto (*Instinct*) e de pulsão (*Trieb*). Estes, como refere Maldavsky (1986, p93-4) são essencialmente abstratos e somente podem ser inferidos por sua eficácia.

Iniciemos com o conceito de instinto e sua significação para a nossa proposição, isto é, para o discernimento dos elementos que constituem a representação. Assim, como afirma D. Maldavsky (1986, p94-5), os *instintos* em relação com as *pulsões* possuem características distintas, embora provém de uma fonte hereditária comum:

"O primeiro põe em cada indivíduo da espécie um selo igualador; o segundo, em cambio, implica diferenças; 2) o primeiro gera desenlaces, resulta estruturante, ordenador do psiquismo; o segundo constitui uma exigência de trabalho para o aparelho anímico".

Seguindo as sugestões de Freud, o autor reporta-se ao 'Homem dos Lobos' (1918h, p108), onde é sugerida a existência de

"Esquemas congênitos que, como categorias filosóficas, ordenariam as impressões vitais. Sustentaria a hipótese de que são precipitados da história humana".

Portanto, para Freud, o instinto constitui o núcleo do inconsciente (1915e, p191-2, 1918h, p109, 1916x, p338). Assim a eficácia do instinto, como ordenador do sistema representacional, manifesta-se diante de duas vertentes: a *pulsional* e a *sensorial*. As fantasias primordiais seriam esquemas formais para as vivências e conteúdos para as pulsões, numa interação dialética permanente entre forma e conteúdo (Maldavsky 1986, p95). É, também, neste sentido que compreendemos a afirmação de Freud (1941f p302):

"A espacialidade é a projeção do caráter extenso do aparelho psíquico. Nenhuma outra derivação é possível. Em lugar das condições 'a priori' de Kant, nosso aparelho psíquico...".

É claro, como já foi assinalado, cada sistema impõe a estrutural relacional que lhe é própria aos elementos que representa, lei segundo a qual funciona a psique (Aulagnier 1975 p26). Portanto, pensamos que as representações em geral estariam constituídas por três ângulos de

um triângulo. O *instinto*, tanto do ponto de vista estruturante de uma forma, bem como do aspecto de provedor de conteúdos (*fantasias primordiais*), constitui o primeiro. O segundo é constituído pela *pulsão* que busca o objeto, nunca nos esquecendo que tais aspectos obedecem ao princípio *da não excitabilidade dos sistemas não investidos* (Freud 1917d, p226 e 233, 1920g, p30, 1925a, p247) que estabelece que um sistema somente se torna operante quando investido de dentro e, finalmente, o *pólo sensorial* constitui o terceiro vértice estruturante da representação. Portanto, do nosso ponto de vista, toda representação está constituída por fragmentos oriundos destes três vértices. Faltando quaisquer destes três aspectos, a representação não se organiza.

Assim, se para Freud (1923b, p21-2), os processos de pensamento nada mais são que deslocamentos energéticos dentro do aparelho psíquico, o fato de que os mesmos acedam à consciência significa que tal deslocamento processou-se através de determinadas representações. Os pensamentos inconscientes (Freud 1900a, 1911b, 1912g, 1915e, 1923b) seriam deslocamentos energéticos que atravessariam representações cujo acesso aos sistemas mais sucessíveis de consciência, especialmente o pré-consciente, estaria impedido. Portanto, "*o processo do pensar se constitui desde o representar*" (1911b, p226).

Resta-nos estabelecer se *as sensações oriundas dos afetos* se constituem em representações em si, ou se são, por simultaneidade, ligadas às demais representações, pois um dos destinos da pulsão é a busca objetal e o outro é a descarga que origina os afetos (1950a p357-62). O texto freudiano é ambíguo quanto a este aspecto. Em algumas ocasiões parece nos dizer que apenas adquirem o estatuto de representação aquelas provenientes do universo sensível exterior e que os afetos ligam-se a estas últimas das mais variadas formas (Freud, 1923b, p25). Em outras ocasiões, e isto veremos com maior detalhe quando examinarmos a representação-corpo e a constituição do ego real originário, Freud parece optar pela ascendência dos afetos à categoria de representações. D. Maldavsky (1977) parece também optar pela primeira hipótese sobre a representação, isto é, de que as mesmas se constituem através do que se capta do universo exterior. No presente texto seguirei as sugestões de P Aulagnier (1975, p29) que assim se expressa:

"Diremos então que o prazer e o desprazer se referem, neste texto, às duas representações do afeto que podem produzir-se no espaço psíquico: o prazer designa o afeto presente em toda ocasião em que a representação dá forma a uma relação de prazer entre os elementos do representado e, por isto mesmo, representa uma relação de

prazer entre o representante e o representado; o desprazer designará o estado presente em toda ocasião em que a representação dá forma a uma relação de rechaço entre estes mesmos elementos, e assim, a uma relação equivalente entre o representante e a representação”.

Dentro do proposto não podemos esquecer ainda que Freud (1923b, p 24), criticando a denominação de afetos inconscientes, afirma que os mesmos têm um caminho direto para o consciente diferentemente das demais representações e que, como veremos adiante, estas representações tendem naturalmente a ligar-se às representações oriundas do universo exterior. O fato de que também os afetos sofram transformações com fins de desfiguração do verdadeiro sentido inconsciente, nos atesta sobre a jurisdição que o sistema pré-consciente, como veremos, exerce sobre o inconsciente através do fenômeno da repressão (1900a p177).

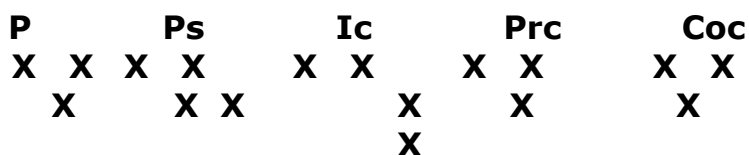
Sobre a Carta 52

Nos anos que precederam a publicação da *Interpretação dos Sonhos*, obra que alicerçou a psicanálise como a ciência por excelência do psiquismo humano, Freud escreveu uma série de trabalhos e cartas, alguns só publicados após a sua morte, também chamados de trabalhos pré-psicanalíticos, de extrema importância para a compreensão contemporânea da psicanálise e também dos seus escritos posteriores. Valho-me especialmente de três publicações, a Afasia, a carta 52 a Fliess e o Projeto de Psicologia, datados de 1891, 1896 e 1895 respectivamente, para embasar as considerações que aqui faço sobre a representação e o inconsciente.

Na carta 52, Freud esboçou o primeiro esquema de um aparelho psíquico do ponto de vista psicanalítico. Muito preocupado com a formação da memória, seu primeiro esboço (1950a, p275), à semelhança do que formula na *Interpretação dos Sonhos* (1900a p529-40), contem cinco organizações, das quais apenas três são promovidas ao que denominamos de representação:

“Se eu pudera indicar acabadamente os caracteres psicológicos da percepção e das três transcrições, com isso haveria escrito uma nova psicologia” (p275).

Examinemos com um pouco mais de atenção a percepção e as três transcrições esboçadas por Freud. Para que possamos acompanhar melhor o raciocínio, reproduzo abaixo o esquema de Freud.



Assim, como pertinentemente assinala D. Maldavsky (1977, p29), a percepção é constituída de neurônios onde a mesma se gera. A esta percepção se acrescenta a consciência sem que isto signifique a inscrição de um traço mnêmico, embora sem este requisito tal traço de memória não se constituirá.

"Consciência e memória se excluem entre si" (1950a p275).

Seria esta uma consciência primária, já que um pouco mais adiante Freud refere-se a uma 'consciência-pensar' secundária? Independentemente destas considerações, como também assinala Maldavsky, a percepção difere das *"potentes massas em movimento"* constitutivas do mundo em si, poderíamos antecipar e dizer 'da coisa em si', das quais o sistema ϕ (perceptivo), através das telas de proteção, retira apenas *"quocientes das energias exógenas"* e, devido ao fato de tais telas funcionarem também como filtros, *"somente deixam passar estímulos de certos processos com período definido"*, constitutivos da qualidade sensorial que advirá consciência através do sistema ω (Projeto, 1950a, p 348, 350, 355, 408). Portanto, os três **X** localizados no esquema freudiano abaixo de **P** têm determinada posição ao mesmo tempo semelhante e diferente dos demais. A inter-relação desta primeira descarga excitante que se processa em **P** e sua relação com o sinal de percepção **Ps**, passando pela consciência e depositando-se como resto mnêmico na memória, aparece perfeitamente descrita no Projeto (p408) desta maneira:

"Segundo minhas premissas, uma percepção sempre excita ω , ou seja, libera sinais de qualidade. Falando com mais precisão, excita consciência em ω (consciência de uma qualidade), e a descarga da excitação ω , como qualquer descarga, brindará uma notícia para ψ , que é justamente o sinal de qualidade" (sinais de percepção-**Ps**).

Não podemos deixar de lembrar que isto esta perfeitamente de acordo com o postulado muitos anos após (1923b, p22) quando Freud afirma que

"Somente pode tornar-se consciente o que uma vez foi percepção consciente; e, exceto os sentimentos, o que

desde dentro quer se tornar consciente terá que tentar transpor-se em percepções exteriores”.

A primeira transcrição, isto é, aqueles estímulos que são registrados como traços mnêmicos, portanto constitutivos do que chamamos de representação e provedores da memória, são os sinais de percepção **Ps** completamente insuscetíveis de consciência articulados por simultaneidade. Repare-se que o esquema posiciona dois **X** na mesma posição que os anteriores e dois **X** abaixo dos mesmos diferentemente dos posicionados sob a letra **P**. Aqui, divisamos esquematicamente o que Freud sugere como retranscrição: *O novo transcrevendo o antigo e este, inscrito no novo*. Notamos em todas as demais formas esquemáticas a mesma disposição, onde o antigo é preservado nos **X** superiores, enquanto que os inferiores vão sendo dispostos em formas diferentes tornando o conjunto novo. Esta primeira transcrição aproxima-se muito do que também denominamos de *representação-corpo* cuja estrutura organizadora é denominada por Freud, como veremos mais adiante, de *ego real originário*. Poderíamos também estabelecer uma analogia com o que Aulagnier descreve como o *originário*.

A segunda retranscrição é o inconsciente propriamente dito ou inconsciência (**Ps**) como denominou Freud na carta 52. Seus nexos ordenadores são causais, correspondem a conceitos e também inacessíveis à consciência. Este sistema inconsciente, como Freud formulará posteriormente (1900a, 1912g, 1915e, 1923b) abriga o que se denomina de *representação-coisa*, objeto também de maior detalhamento posterior. O conceito de um *inconsciente dinâmico* repousa diretamente sobre estas considerações, assim com o de repressão. Também as disposições dos **X** mantêm posições semelhantes e não idênticas as anteriores. O pensar, quando acede à consciência é predominantemente visual,

“De algum modo esta mais próximo dos processos inconscientes que o pensar em palavras e, sem dúvida alguma, mais antigo que este último, tanto ontogeneticamente como filogeneticamente” (Freud 1923b p23).

O ego que administra tais representações é essencialmente o que Freud denomina de *ego prazer purificado* (1915e p130). Trata-se do sistema primário regido por uma lógica que, como veremos, se aproxima do descrito como *identificação primária* onde a parte substitui o todo.

A terceira retranscrição é o pré-consciente (**Prc**) ligado às representações-palavra correspondente ao que Freud denomina de '*eu oficial*'. Possui determinada lógica interna que apenas admite outras representações como traduzíveis de acordo com certas regras. Trata-se de uma '*consciência-pensar*' secundária obtida por um efeito posterior (*Nahträglich*) na ordem do tempo. É a maneira habitual como tomamos consciência de nós mesmos e, segundo Freud, através da reanimação alucinatória das representações-palavra. Também, como nas situações anteriores, seus **X** superiores são idênticos aos das outras transcrições, mas, no seu conjunto, aparece a diferença. A preocupação de Freud com a *representação-palavra*, como veremos um pouco mais adiante, remonta ao texto sobre a afasia (1891b) e aparece explicitada sob o termo "*associação lingüística*" no Projeto (1950a, p413). O pensar desta lógica se faz predominantemente através de *representações-palavras*:

"Por sua mediação, os processos internos de pensamentos são convertidos em percepções. É como se ficasse evidenciada a proposição: 'todo saber provém da percepção externa'" (Freud, 1923b, p25).

Cabe também a este sistema o acesso ao controle da consciência e da motricidade, inclusive com as deformações tão características das representações e dos afetos a elas ligados (Freud 1900a p163). Estas três formas de representar se originam, como pondera Aulagnier (1975 p24) por uma reflexão da atividade sobre si mesma, isto é, atividade que constitui a memória.

Quanto à *consciência em si* (**Coc**), Freud apenas nos comunica que seriam também neurônios-percepção e que careceriam de memória. Sabemos de outros escritos de Freud contemporâneos à carta 52 que a consciência é tratada como se um sistema fosse (ω) e que, carente em si de memória, teria a função de captar a qualidade do período que se transformaria em consciência (Projeto, 1950a, p 354-5, 412; Aulagnier 1975 p24). Talvez pudéssemos aprofundar a questão da consciência examinando com cuidado o que Freud postula exatamente sobre o "*investimento-atenção*" (Projeto, 1950a, p408-11). Este investimento propiciaria uma consciência secundária da percepção motivada pelo processo do pensar "*justificado biologicamente*". Observemos, entretanto, que Freud formula a hipótese de que, para que o *investimento-atenção* se desloque sobre a percepção, o sistema ψ , através de ω , deverá receber sinais de qualidade. Durante a vigília tais sinais são permanentes, alguns despertando atenção e outros não. Aos primeiros caberia uma consciência secundária e, perguntamo-nos, se aos segundos não caberia uma consciência primária, uma percepção *forcluída* como propõe Aulagnier (1975 p 31-2), uma consciência da qual

não tomamos consciência. Também poderíamos nos perguntar sobre a pertinência de uma consciência própria do originário, primário e secundário. Estas especulações não são mais do que hipóteses e estão sujeitas à revisão. De qualquer maneira, este sistema ou órgão de consciência funciona em conexão íntima com o pré-consciente:

"O suceder consciente é para nós um ato psíquico particular, diverso e independente do suceder posto ou suceder representado e a consciência nos parece um órgão sensorial que percebe um conteúdo dado em outra parte" (Freud 1900a, p162-3), após e no momento de ser representado.

Este ordenamento lógico das retranscrições obedece ao que Freud, como vimos no segmento anterior, propôs como atividade ordenadora do instinto (Machado, 2001). Sabemos que estas retranscrições, como coloca Aulagnier (1975, p27), embora ordenados em lógicas temporais diversas dentro do psiquismo, coexistem nas formas do originário, primário e secundário e que qualquer vivência é operada pelos três sistemas de uma forma simultânea (1975 p18, 24-5):

"Semelhante conservação de todos os estádios anteriores junto à forma última, só é possível no anímico e não estamos em condições de obter uma imagem intuível deste fato" (Freud 1930a p72).

A Representação-Corpo e o Ego Real Originário

Em 1923 (b, p27) Freud postulou que a forma pela qual tomamos notícia do nosso corpo é através da dor. Se percorrermos com um pouco de atenção obras tão iniciais como a *Interpretação dos Sonhos*, veremos que em inúmeras ocasiões Freud refere que nossos sonhos são formados também por estímulos oriundos do nosso soma (1900a p233). Este adquire, portanto, a condição de representabilidade através dos sonhos. Neste sentido Freud, citando Strümpell, assim escreve:

"A alma alcança no dormir uma consciência muito mais profunda e vasta de sua corporeidade do que na vigília, e se vê precisada de receber e deixar que operem nela certas impressões de estímulos provenientes de partes e alterações de seu corpo dos quais nada sabia em vigília" (1900a, p31).

Freud também esta de acordo com o filósofo Schopenhauer que postula que não só os estímulos advindos do mundo exterior, também os oriundos do soma ficam sujeitos a uma figurabilidade imposta por determinadas tendências de formatação (1900a, p61-2). Torna-se necessário, entretanto, acrescentar que a dor poderá ser constituinte ou desconstituinte das representações primitivas do corpo. É possível que o que a torna constituinte é o fato de que a mesma possa, assim como a angústia, ultrapassar a condição de traumática para constituir-se como sinal de defesa. Em outros trabalhos (Machado, 1994, 2003) foi chamada a atenção para o papel estruturante ou desestruturante que desempenha a dor na constituição de tais representações-corpo primitivas, seguindo exatamente a sugestão feita por Freud (1950a, p 351-2; 1923b, p27). *O momento lógico no qual tais representações adquirem o estatuto de uma organização é anterior ao da abertura das zonas erógenas como reais promotoras da ampliação do espaço psíquico (Machado, 1992).*

Assim sendo, neste segmento procuraremos aprofundar as considerações de Freud relacionadas, sobretudo à carta 52, principalmente as que dizem respeito à primeira transcrição por simultaneidade. Cremos que, talvez, a forma mais acabada de expressão de tais transcrições corresponde a este momento lógico denominado de ego real originário (Freud, 1915c, p130) onde representante e representado; isto é, a representação que abriga estes dois aspectos, no dizer de Piera Aulagnier, se confundem.

Quais os sistemas de representações que irão constituir esta estrutura primitiva denominada por Freud de ego real originário?

Correspondem tais considerações ao que também denominamos genericamente de representações-corpo? D. Maldavsky (1980, p27) assim define esta organização representacional primitiva:

"(1) o arco reflexo; (2) preferência pelo mecanismo de fuga como forma de eliminar o estímulo; (3) enlace entre si destas sensações endógenas de tensão e alívio, de desprazer e prazer, correspondendo a diferentes órgãos em homeostase somática e investidos libidinosamente. Este último momento constitui a primeira estrutura, o ego real originário".

Certamente, se nos detivermos com um pouco mais de atenção ao sugerido, damos conta de que se trata de transformações e apreensões representacionais sucessivas que permanecem, como sugere Freud, profundamente inconscientes.

Assim este sistema representacional tem como tarefa essencial o estabelecimento da diferenciação entre dor e necessidade (Freud, 1926d, p159) e é exatamente através das representações de dor e satisfação que o sistema se organiza nunca deixando de ressaltar a importância deste "*saber prévio que é uma preparação para entender*" instintivo (Maldivsky, 1986 p94; Freud, 1916x p338).

Quais, portanto, os passos pelos quais a organização primitiva "*ego real originário*" atravessaria para que possa se engendrar a si mesmo? Encontramos algumas sugestões de Freud no seu Projeto de Psicologia (1950a). Assim na secção [12] é tratada a questão da vivência de dor. As quantidades hipertróficas de estímulos oriundos do exterior, escreve Freud, provocam dor. O sistema \cdot (memória) reage a elas da seguinte maneira:

"(1) um grande acréscimo de nível é sentido como desprazer em ω (consciência); (2) ocorre uma inclinação de descarga que pode ser modificada em certas direções; (3) estabelece-se uma facilitação entre esta e uma imagem-recordação do objeto excitante da dor".

Portanto, são descritas aqui as etapas sucessivas dos registros de certas tensões internas, afetos que se ligam a outros registros por simultaneidade, como a percepção do objeto excitante da dor. A representação, além do "*saber prévio*", contém dentro de si o pólo pulsional e o sensorial.

Dado que uma das funções primordiais deste ego real originário, em vias de formação, é exatamente distinguir o dentro e o fora; isto é a necessidade da dor, pois estas são no início indistinguíveis (Freud, 1915e, p130, 1926d, p159). O fato de este passo ser consumado com a ajuda da vivência de satisfação, como veremos, estabelece a forma pela qual tomamos notícia do nosso corpo e, portanto representamo-lo. O primeiro objeto algógeno é, portanto, a necessidade.

Na secção [11] do mesmo Projeto, Freud descreve o que pensa ser a vivência de satisfação. Três passos se fazem também necessários para que esta se constitua e assim o objeto de satisfação imprima seu registro. Além da sensação de descarga duradoura das tensões de necessidade que geram o desprazer, ocorre o investimento de um objeto, exatamente o responsável por tal descarga. Entre este último e o soma estabelece-se uma facilitação constituinte da pulsão. Talvez seja esta umas das primeiras ocasiões nas quais Freud conceituou o que futuramente denominaria de pulsão (*Trieb*), conceito este fundamental para a constituição do que posteriormente denominaria de desejo (1900a p557-8). A estas considerações acrescenta que

"A dor deixa como seqüelas facilitações de particularíssima amplitude dentro de ψ ...da vivência de dor resulta uma repulsão, uma inclinação de desinvestimento da imagem mnêmica hostil... o que constitui a defesa primária ou repressão (Verdrängung)... a emergência de outro objeto no lugar do hostil foi o sinal de que a vivência de dor havia terminado e o sistema ψ , instruído biologicamente, tenta reproduzir o estado que determinou o fim da dor" (Freud 1950a, p366-7).

Do ponto de vista de Aulagnier (1975 p29) a dualidade pulsional descrita por Freud em 1920(g) se expressa no paradoxo do desejo: o primeiro objetivo é a reunificação com o objeto de satisfação e o segundo, complementar e sincrético, se expressa pela fórmula "*desejo de não ter que desejar*" cuja conseqüência será o desaparecimento imediato de todo objeto que possa suscitar-lo, pois toda representação de objeto também é a causa do desprazer do representante. Esta é a repressão originária descrita acima na citação de Freud. A prevalência de tal defesa, isto é, da repulsão, pode gerar uma situação de tal forma radical que a representação não se constitui e com isto a vida não se torna possível.

Queremos dizer com o escrito acima que *a constituição da representação do objeto se faz paralelamente à constituição da representação-corpo*, pois ao mesmo tempo em que a substituição do objeto hostil pelo objeto de satisfação é operada, também ocorre a transformação da dor em necessidade. Assim, o terceiro tempo descrito por Maldivsky, onde órgãos são investidos entre si através de sensações de prazer e desprazer, constituindo o ego real originário, se faz presente e esta organização primitiva não só testemunha a presença das primeiras representações do corpo, como ela própria é este conjunto de tais representações. Veremos, outrossim, que para a efetiva constituição da representação-coisa, de acordo com Freud, outros passos também se fazem necessários.

Antes de terminarmos este capítulo seria interessante nos perguntarmos de que maneira poderíamos incluir os conceitos de originário e de pictograma desenvolvidos por Aulagnier (1975) dentro do que denominamos de representações-corpo primitivas. Para esta autora (p16), tais conceitos implicam na ausência da representação-palavra e a posse exclusiva da "*imagem de coisa corporal*", verdadeiro "*fundo representativo*" somático das outras produções psíquicas que constituem o primário e o secundário. Este fundo representativo que tem como origem o corpo erógeno é a pré-condição absolutamente necessária para qualquer atividade que implique no representar.

A Representação-coisa, o Ego Prazer Purificado e a progressiva ascensão ao Ego Real Definitivo

Este segmento versará principalmente sobre a constituição da representação-coisa e a inscrição do sujeito, ambos separados dentro do psiquismo. Para tanto é necessário o estudo de três representações, a saber, a *representação-movimento*, a *representação-coisa* e a *representação-palavra* que, juntamente com a *representação-corpo*, constituem os fundamentos necessários para o estabelecimento do núcleo do sujeito em si e sua representação como separada da representação-coisa. Assim, se nos ativermos com atenção às propostas de Freud, poderemos observar que tais situações lógicas são estabelecidas de forma sincrética e o estudo das mesmas separadamente se dá principalmente por razões didáticas, embora se tratem de momentos lógicos diferenciados. A jurisdição da lógica do primário, sistema que privilegia a representação-coisa, pertence ao ego prazer purificado como propõe Freud (1925h p254-6, 1930^a p67-9).

Tomemos como ponto de partida para nossa elaboração a colocação de Freud (1915e, p197):

"O que chamamos de representação-objeto (Objektvorstellung) consciente decompõe-se agora na representação-palavra (Wortvorstellung) e na representação-coisa (Sachvorstellung), que consiste, se não no investimento da imagem mnêmica direta da coisa, ao menos de restos mnêmicos mais distanciados derivados dela".

Examinando com cuidado o que Freud conceitua como representação de objeto em 1981 (p90-1, 1915e, p207-13), notamos que o que corresponde à representação-objeto é o que é denominado no texto sobre o inconsciente de representação-coisa. Cabe-nos, entretanto a questão do que realmente significa "*imagem direta da coisa?*". Talvez a notícia mais direta que dela possamos ter corresponde à inscrição denominada na carta 52 de traço mnêmico **P** Outrossim, como bem assinala Strachey em uma nota ao pé da página (1915e, p198), Freud equipara a *Sachvorstellung* a *Dingvorstellung* (1900a, p302; 1917e, p253).

Retornemos, entretanto, ao texto sobre a Afasia (1891 p90-1; 1915e, p211-12):

"Por sua vez, a representação-objeto é um complexo associativo das mais diversas representações visuais, acústicas, tácteis, cinestésicas e outras. Pela filosofia sabemos que a representação-objeto não contém nada mais do que isto e que a aparência de ser uma coisa (Ding), cujas propriedades nos são transmitidas por nossos sentidos, surge só pelo fato de que pelo conjunto das impressões sensoriais que recebemos de um objeto do mundo, admitimos a possibilidade de uma série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa (J. S. Mill). Assim a representação-objeto se nos apresenta como algo não fechado..."

A coisa em si somente é percebida por suas representações e da mesma maneira que M. Eliade, na sua História das Religiões (p23-4), refere que a opacidade dos documentos paleolíticos só encontra sentido se estes últimos se encontrarem inseridos num sistema de significações, também as representações adquirem valor psíquico ou sentido se pertencentes a uma cadeia associativa (Maldavsky, 1977, p28). Isto é confirmado pelo fato de que as representações-coisa não se apresentem isoladas e sim em complexos associativos. Voltaremos a este assunto posteriormente. Portanto, para Freud, o componente visual está para a representação-coisa da mesma forma que o componente auditivo está para a representação-palavra. Tais componentes detêm em relação aos demais uma função estruturante. A representação-coisa constitui-se numa unidade mínima de sentido (Lieberman, citado por Maldavsky, 1977, p26). Entretanto, devemos lembrar que o que distingue a representação-coisa de Mill da de Freud é o fato de que esta última é uma representação-coisa erógena. Isto está de acordo com o postulado por Aulagnier de que não pode existir qualquer informação sem uma "informação libidinal". A própria configuração de uma representação é um ato de investimento libidinal, pois

"No organismo não ocorre nada de certa importância que não ceda seus componentes à excitação da pulsão sexual" (Freud 1905d p186; 1924c p169).

Sem estas condições a atividade de representar se faria impossível como seria impossível a própria vida (Aulagnier 1975 p28). Entretanto é necessária que se faça uma abordagem da representação-coisa de outros pontos de vista. Seguirei para tanto as sugestões de D. Maldavsky (1977, p24-40) que possui uma visão particularizada e penetrante do Projeto freudiano (1950a). As secções especialmente revisadas são as de número [15], [16], [17] e [18] do capítulo 1, bem como o capítulo 3. Portanto, aprofundemos o estudo das

representações-coisa como oriundas principalmente de um conjunto de estímulos provenientes do mundo exterior. Tanto do ponto de vista quantitativo, quanto do qualitativo, é indiscutível que para Freud apenas quocientes dos estímulos atingem o nosso aparelho psíquico

"Posto que, segundo o discernimento da física, o mundo exterior se compõe de potentes massas em movimento... das quais nossos aparelhos nervosos terminais... como diques e telas de proteção, apenas permitem que cocientes das Q exógenas os atravessem" (Projeto 1950a, p348-51).

No que concerne à qualidade, de acordo com Freud, a grande responsável pelas sensações conscientes,

"Os órgãos dos sentidos não só atuam como telas de Q... sim também como filtros, pois que deixam passar apenas estímulos de certos processos com período definido" (1950a, p355).

Trata-se, portanto, exatamente do que discutíamos no segmento sobre a carta 52 quando abordamos as considerações sobre a consciência. Todas estas considerações, e certamente existiriam mais outras que nos tornaria um tanto quanto repetitivos, são aqui trazidas para demonstrar que as representações, no nosso caso a da coisa, apenas é inscrita após a ultrapassagem dos crivos quantitativos e qualitativos que fazem com que o real não possa ser apreendido como tal.

Dentro do descrito na secção [15] que estabelece os critérios apropriados que distinguem os processos primários dos secundários pelo sólido sinal de qualidade advinda da percepção exterior, estando o desejo suficientemente não investido para que a alucinação não se produza e estabelecendo-se, exatamente por isso a distinção tão fundamental para a vida entre percepção e alucinação, ou, entre processo secundário e primário, examinemos as secções que se seguem no Projeto para compreendermos os passos iniciais da estruturação das representações coisa, movimento e palavra. Já no início da secção [16], após Freud considerar que a coincidência completa entre o investimento do desejo e o investimento da percepção pouco ou nada traz para o estabelecimento dos juízos, no segundo caso, quando o complexo perceptivo não coincide com o investimento do desejo, as mais profundas considerações para a nossa teoria poderão ser obtidas deste fato. Assim, o investimento de desejo alcança os neurônios **a** e **b**; já o complexo perceptivo alcança os neurônios **a** e **c**. Estará, então estabelecida uma semelhança, não uma identidade. A experiência

ensina que a ação específica não deverá desta maneira ser efetuada. Isto só poderá ocorrer quando a identidade puder ser restabelecida. Para isto é necessário que se estabeleça um gradiente dentro de diversos complexos perceptivos até que o neurônio **c** desemboque no neurônio **b** estabelecendo-se a identidade desejada.

*"Como regra geral, se obtêm uma **imagem-movimento** (o grifo é meu) que se interpola entre o neurônio **c** e o neurônio **b**, e com a reanimação desta imagem (portanto uma representação-movimento) mediante um movimento efetivamente executado se estabelece a percepção do neurônio **b** e, com isto, a identidade buscada"* (p374).

Freud prossegue trazendo o exemplo da criança que busca o peito de frente e o encontra de lado. Através destas representações-movimento estabelecidas dentro de Ψ e lembradas pela criança se estabelece o movimento da cabeça que busca a identidade propiciando a ação específica. Para a constatação da presença da semelhança e não da identidade,

*"A linguagem criará o termo juízo (Urteil), e descobrindo a semelhança que de fato existe entre o núcleo do eu e o ingrediente constante da percepção, por um lado, e os investimentos cambiantes dentro do manto e o ingrediente inconstante da percepção, por outro lado, nomeará a **coisa do mundo (Ding)** o neurônio **a**, e o neurônio **b**, sua atividade ou propriedade, em suma, seu predicado"* (p373).

Portanto da mesma forma que o eu possui um núcleo irreduzível à coisa em si, o vice-versa é verdadeiro, pois esta última contém um algo também irreduzível ao eu: *"o real-objetivo permanecerá sempre não discernível"* (Freud 1940a p198). Esta representação-movimento a pouco descrita é um dos aspectos constituintes fundamentais para o estabelecimento da representação do eu e da coisa (Maldavsky, 1977, p33), pois sem ela o segmento cambiante, isto é, os predicados permaneceriam estáticos impossibilitando este eterno movimento de aproximação e diferenciação, introjeção e projeção, situação *sine qua non* para a constituição da representação estabelecida pela contínua oscilação entre libido objetal e narcisística.

É o discernimento e o pensar reprodutor (p372) que possibilitam a atenção e comparação dos segmentos semelhantes e idênticos da percepção. Freud na secção [17] sobre o recordar e o julgar, teorizando sobre o '**complexo do semelhante**', estabelece de uma maneira mais profunda seu discernimento entre a coisa do mundo e sua representação. Esta última não se refere às coisas de um modo geral e

sim a um semelhante humano, portanto, uma representação-coisa erógena (Maldavsky, 1977, p30). Assim Freud nos propõe que o objeto da percepção é parecido ao sujeito, isto é, "um semelhante". Trata-se do primeiro objeto de satisfação, o primeiro objeto hostil e a única força auxiliar. Deste objeto emanam complexos perceptíveis em parte novos e incomparáveis e outros que podem ser reduzidos a lembranças existentes dentro do sujeito (Freud 1950a, p414-5). Assim, por exemplo, alguns traços visuais são irreduzíveis. Outros como, por exemplo, os movimentos de seu corpo coincidirão com movimentos próprios do sujeito. Freud nos sugere que também as vivências de dor atravessadas pela emissão do grito fazem parte destes segmentos perceptíveis redutíveis às vivências do eu:

"Outras percepções do objeto, por exemplo, se grita, despertarão a lembrança do gritar próprio e, com isto, as vivências próprias da dor" (p377).

Portanto para Freud

*"O complexo do semelhante pode ser separado em dois componentes, um dos quais se impõe por ser uma estrutura constante, se mantém reunido como uma **coisa do mundo**, enquanto que o outro é compreendido por um trabalho mnêmico, isto é, pode ser reconduzido a uma notícia do próprio corpo. Esta decomposição de um complexo perceptivo se chama seu **discernimento**; ela contém um **juízo** e encontra seu término quando a meta é alcançada" (p377).*

Vemos, portanto, que o discernimento das coisas inanimadas do mundo é necessariamente precedido e compreendido pelo animismo infantil que impõe às mesmas a erogeneidade do corpo (Freud 1912-13 p91-4).

Maldavsky (1977, p31-2) afirma que nos encontramos, portanto, dentro de uma lógica de predicados e que a representação-coisa pode ser compreendida de três pontos de vista:

"Trata-se de outro sujeito, isto é, de um semelhante; tem um certo grau de coerência; é irreduzível em seu núcleo ao próprio sujeito embora, por certos elementos variáveis se assemelha a este... o outro é irreduzível ao próprio sujeito, embora como sujeito, também é sujeito".

Podemos, portanto, compreender agora de uma forma mais acabada a prevalência organizadora do sentido da visão sobre outras

percepções tais como as tácteis, auditivas, olfativas, gustativas, cinestésicas e outras. As representações-movimento e as percepções acústicas emanadas do complexo perceptivo e de dentro do eu, primeiramente como descarga (o grito) e progressivamente adquirindo uma função secundária de extraordinária importância para nós humanos, a função da comunicação (Freud, 1950a, p362-3, p414-5), fazem parte deste intrincado desenvolvimento que estabelece esta unidade mínima de sentido, a representação-coisa. Esta última, embora possua seu núcleo irreduzível em relação ao sujeito, possui algo dos investimentos narcisistas deste último. Podemos depreender isto da afirmativa de Freud (1940a, p148):

"É difícil enunciar algo sobre o comportamento da libido dentro do id ou do superego. Tudo que sabemos disto se refere ao ego, no qual se armazena toda quantidade inicial de libido. Chamamos narcisismo primário absoluto a este estado. Dura até que o ego começa investir com libido as representações de objetos, isto é, transformar libido narcisista em libido de objeto".

Assim as representações-coisa levam na condição de objetos internos um *quantum* de libido narcísica, libido esta que é a base da semelhança e que será reconhecida, mas que também estabelece a diferença. A representação-corpo é o suporte inicial e necessário para a constituição de qualquer representação-coisa: "*é uma geografia sexual simbólica*", afirma Freud (1905e p88) em relação ao segundo sonho de Dora e é através desta geografia que o primário se faz evidente. Portanto, como salienta Maldavsky (1977, p 33), umas das diferenças fundamentais entre os conceitos de representação-coisa de 1891 e 1895, respectivamente da *Afasia* e do *Projeto*, está em que neste último tal representação possui o caráter de irreduzível ao sujeito, enquanto que no primeiro texto não observamos isto. Uma outra diferença está que na *Afasia* a representação não possui o caráter erógeno que adquire no *Projeto* e que claramente aparece na citação referida acima sobre o sonho de Dora.

O corpo e suas representações são, portanto fundamentais para a configuração das respectivas semelhanças e diferenças entre as representações-corpo e as representações-coisa. Poder-se-ia dizer que estas últimas constituem as primeiras e vice-versa:

"No que diz respeito ao juízo, cabe ainda assinalar que seu fundamento é evidentemente a pré-existência de experiências corporais, sensações e imagens de movimentos próprios. Se estas últimas faltarem, o setor variável do complexo perceptivo permanecerá

incompreendido, isto é, poderá ser reproduzido, porém não proporcionará nenhuma orientação para ulteriores caminhos do pensar” (1950a, p378).

Portanto é nesta inesgotável interação entre libido narcisista e libido de objeto que se tecem as infindáveis relações entre as inúmeras representações e a cadeia de significantes encontra a sua origem. Seria também extremamente importante e interessante teorizarmos sobre os possíveis destinos da irredutibilidade das representações nas situações de duplicação tão afins das identificações primárias narcisistas de patologias psicóticas e narcisistas, porém isto é tarefa para um trabalho posterior.

O sujeito através da sua representação estabelece com o outro, isto é com suas representações, um conjunto de relações vinculares conscientes e inconscientes, denominadas por Freud, de lugares psíquicos.

“Na vida anímica do indivíduo, o outro se encontra integrado com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar ou como inimigo, e por isto, desde o começo a psicologia individual é simultaneamente psicologia social...” (1921c, p67).

Assim, como pondera Maldavsky (1977, p 34-7), as representações se transformam de acordo com seus conteúdos e de acordo com seu lugar posicional. As mais variadas organizações psíquicas trazem combinações destas relações. Uma variação bastante conhecida formulada por Freud (1915c, p 122-3), diz respeito às posições ativa e passiva do sujeito e do objeto na sua configuração vincular em relação ao par sado-masoquista. Outro aspecto, também descrito por Freud (1905d), é a transformação de determinada representação quando se estabelece a diferença dos sexos. O que era em parte irredutível entre o sujeito e a representação-coisa torna-se mais irredutível com o estabelecimento da diferença dos sexos. Neste sentido é o que compreende Maldavsky (1977, p 34-5) quando cita Freud (1921c, p 99-100) referindo-se à transformação representacional devida à mudança posicional sofrida na fase pré-edípica e edípica em relação ao sujeito. Assim, a relação do sujeito com a imagem do outro varia conforme este último ocupe a posição de modelo, objeto de desejo ou ajudante de acordo com o momento pré-edípico e as relações pertinentes ao complexo de Édipo positivo ou negativo (Freud, 1921c, p99-100; 1923b, p 34-5). É neste sentido que também entendemos a ação das profantasias como parte do instinto (*Instinct*) na função de organizar a experiência sensorial e vivencial e que, como conteúdos,

preenchem e dão significado à pulsão (Maldavsky, 1986, p95). Podemos, à guisa de exemplo, examinarmos com cuidado, como o faz o próprio autor, a transformação representacional que se processa no interior do psiquismo do melancólico Christoph Haizmann no que diz respeito à representação do pai na medida que a repressão vai se desfazendo. Encontramos, portanto, as devidas posições de ajudante, modelo, objeto de desejo e rival, assim como a explicitação, pelo discurso progressivamente delirante do pintor, das fantasias primordiais constituintes do complexo de Édipo, especialmente o negativo, bem como as expressões ternas, eróticas e hostis das moções pulsionais vigentes, todas essas em permanente transformação provocando com isto uma série especialmente rica de representações condensadas (Freud, 1923d, p 87-94).

Algumas considerações ainda se fazem necessárias antes de concluirmos este capítulo. Trata-se de resumirmos a maneira pela qual o sistema representacional inconsciente, que tem como unidade a representação-coisa, se organiza a partir das fantasias primordiais. Como já foi esboçado na nossa introdução, as fantasias primordiais são, para Freud, esquemas universais que organizam as representações vivenciais como nódulo do inconsciente. Os complexos em geral, como o de Édipo e de castração, para Freud, são expressão da combinação de inúmeras representações organizadas de acordo com tais esquemas. O referido acima sobre o complexo do semelhante encontra-se assim redimensionado dentro da obra freudiana nos complexos de Édipo e de castração, embora podemos compreender a sua origem pré-edípica. Os critérios de simultaneidade, analogia e causalidade citados na carta 52 e no capítulo VII da Interpretação dos Sonhos são assim organizadores de tais fantasias universais, bem como, através deles estas últimas encontram sua operacionalidade. A própria causalidade, constituída a separação entre a representação do sujeito e do outro, expressa esta inter-relação constante entre causa e efeito e é a condição *sine qua non* da possibilidade de configuração do ontogenético através da filogenia. Somente assim as fantasias primordiais de sedução, cena primária, castração e podemos acrescentar, de retorno ao ventre materno, se constituem como vivências e, depositadas no núcleo do inconsciente, fazem parte do complexo associativo denominado de complexo de Édipo e complexo de castração. Isto também está de acordo com as propostas de Bion sobre a concepção oriunda de uma pré-concepção inata (1963). Também compreendemos com maior abrangência a citação de Mill referida acima quando expressa que a representação-coisa só pode ser entendida

"Pelo conjunto das impressões sensoriais que recebemos de um objeto do mundo, admitindo a possibilidade de uma

série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa” (Maldavsky 1977 p57).

Nunca é demais insistirmos no fato de que as fantasias primordiais encontram no primário sua condição de configuração. Assim, é esta *'extraterritorialidade'* que, uma vez instituída, é a condição da expressão da fantasia e que implica no reconhecimento de dois espaços psíquicos: o do representante e o do representado (Aulagnier 1975 p31), espaço este onde irá operar a cena primária.

A Representação-palavra e a Emergência do Ego Real Definitivo

Em 1981 (p90-1) Freud definiu a representação-palavra

"Como uma representação complexa, construída a partir de distintas impressões; isto é, correspondente a um intrincado processo de associações nos quais intervêm elementos de origem visual, acústico e cinestésico. Certamente a palavra adquire seu significado a partir de seu enlace com a representação-objeto..."

Esta definição coincide com a descrita acima (1915e, p197) com a ressalva que Freud refere-se à representação-coisa e não à representação-objeto. Acrescente-se a isto que Freud, como refere Maldavsky (1977 p40; conforme Freud 1891 p86-7), postula que a representação-palavra, ao contrário da representação-coisa, é um todo fechado constituído da imagem sonora da palavra, da imagem do movimento articular da palavra falada, da imagem da palavra escrita e da imagem do movimento ao escrevê-la (Freud 1950a, p413). O primeiro aspecto acústico é o organizador dos outros e, embora o todo seja fechado, é suscetível de ampliação (1891 p 90-1): *"a palavra é essencialmente o resto mnêmico da palavra ouvida"* (1923b, p23) articulada às demais representações, como dissemos, pela reanimação alucinatória dos restos mnêmicos acústicos.

Há uma série de elementos que são importantes para este caráter discreto, distinto de uma palavra que implica na sua condição de essencialmente fechada e exclusiva (Freud 1950a, p413), embora suscetível de ampliação. Maldavsky (1977, p42-3;), baseado em Freud, refere que a experiência formadora da respectiva representação é fundamentalmente passiva, pois a recebemos da cultura, onde o caráter reprodutivo ativo é o subsequente. Vejam-se, por exemplo, as referências de Freud ao aspecto imitativo da experiência humana

(1950a, p379) e a reanimação alucinatória de restos mnêmicos acústicos para a evocação da palavra (Carta 52, 1950a, p275). Baseado nesta circunstância reprodutora ativa da palavra é que Freud afirma que as palavras são escassas, exclusivas e que apenas podemos pronunciar uma palavra de cada vez (1891 p87). Diga-se de passagem, Freud publicou todo um estudo destinado à psicopatologia da vida cotidiana (1901b) onde os capítulos sobre os lapsos da língua, da escrita e da leitura tratam extensivamente do fato de que, em determinadas circunstâncias, a palavra perde seu caráter de exclusividade e adquire "*antigas liberdades*" que já não mais possui. Assim sendo, o componente motor da palavra tem a incumbência de selar a sua condição discreta (Freud 1891 p104). Ora tal condição discreta é também a condição *sine qua non* de sua lógica pré-consciente e, visualizamos na reprodução da imagem motora da palavra ouvida, sua condição para que a mesma se constitua em peça essencial da pré-consciência e de que apenas uma de cada vez possa ser pronunciada. Desde muito cedo Freud advogou que o sistema pré-consciente detinha o poder sobre o sistema muscular (1900a, 1915e, 1923b), assim sendo é este sistema que reproduz ativamente as impressões cinestésicas (representações-movimento) que constituirão parte da representação-palavra na tentativa de reprodução do modelo cultural que se oferece. No escrito acima sobre o complexo do semelhante (1950a, p377), no que se refere ao grito, encontramos com dois momentos lógicos sucessivos de grande importância para a formação da representação-palavra. Num primeiro momento há o registro do grito como próprio, grito este devido à alteração interna, isto é, expressão dos afetos, e no segundo, quando se ouve o grito de um semelhante, este pode ser reconduzido às experiências do próprio sentir ativando-se a representação-movimento cinestésica da fala. Está, portanto, inaugurada a linguagem verbal, testemunho do vínculo intersubjetivo:

"Esta via de descarga assume assim a função secundária, importante ao extremo para o entendimento (Verständigung; ou comunicação), e o desamparo inicial do ser humano é a fonte primordial de todos motivos morais" (Freud 1950a, p362-3, p414-5).

Como a reprodução se processa num sentido temporal, estamos diante dos momentos primeiros e fundamentais da constituição do pré-consciente. Para que a representação-palavra atinja sua constituição mais ou menos definitiva são necessários mais alguns passos, como a inserção das imagens visuais das letras, obtidas com o soletrar e a imagem da totalidade da palavra. Estas, por sua vez se associam às imagens cinestésicas e acústicas da palavra, condições estas

necessárias para uma leitura com compreensão (Freud 1981 p81-90; Maldavsky 1977 p43).

Algumas considerações ainda devem ser feitas antes que, seguindo a sugestão de Maldavsky, passemos a considerar o enlace das representações-palavra com as representações-coisa originando as verdadeiras representações-objeto (Freud 1915e, p197). A unidade constitutiva do inconsciente propriamente dito é a representação-coisa na qual prevalece a organização visual. Já, no que diz respeito ao pré-consciente, a unidade constitutiva é a representa-palavra na qual prevalece a organização acústica. De acordo com Freud (carta 52, 1950a, p275) o pré-consciente está constituído não somente de termos lingüísticos, "*sim também de um conjunto de regras combinatórias destes termos, tal como destacou Liberman (1974)*" (Maldavsky 1977, p46). Tais regras estão intrinsecamente ligadas ao fenômeno da repressão onde, por várias razões, o pré-consciente como sistema não acolhe o advindo do inconsciente e quando o faz dá origem a inúmeras formações de compromisso das quais citamos algumas como os sintomas, os sonhos, os diversos lapsos, etc. Nestas circunstâncias se perde o vínculo entre a representação-coisa e representação-palavra que, segundo Freud (1981 p96), é o mais débil. Voltaremos a examinar daqui a pouco estes vínculos associativos entre representações-coisa e palavra distinguindo as neurose e a esquizofrenia de acordo com Freud.

Outro aspecto que apenas citamos *en passant* é distinção entre a palavra manuscrita e a palavra impressa. Esta última, de acordo com Freud (1930a p90) é a "*linguagem do ausente*" e implica num maior distanciamento entre o sujeito e o outro tornando a irredutibilidade entre ambos muito mais definitiva. As cartas manuscritas, especialmente as de amor, conduzem a uma maior proximidade dos elementos constitutivos do complexo do semelhante. Embora em tais circunstâncias a palavra permaneça enlaçada pelas imagens sonoras, imagens articulares, imagens da escrita e a imagem do movimento ao escreve-las, isto é, a prevalência de sentidos distais, esforçamo-nos por incluir nas mesmas sentidos proximais como o tato, gosto e olfato resignados pela lógica do pré-consciente embora possamos remete-los a representação-palavra a eles, como esta última deverá ser remetida à representação-coisa. Uma carta manuscrita é diferente de uma carta datilografada e certamente, nos dias atuais, do correio eletrônico.

Passemos para o exame do enlace das representações-coisa com as representações-palavra que pode ser estudado, como sugere Maldavsky (1977 p48-55), a partir dos fenômenos patológicos que testemunham sua dissociação. Além dos inúmeros trabalhos sobre as neuroses de transferência, Freud (1914c p79-82; 1915e p193-201) estuda tais situações através da hipocondria e da esquizofrenia. Nestes dois textos Freud nos afirma, a partir do fenômeno da dor corporal, que

o investimento excessivo do corpo é o causador de um correspondente desinvestimento dos objetos. Nos estados hipocondríacos, tão comuns nas neuroses narcisistas como a esquizofrenia, a distribuição libidinal segue um destino semelhante. Trata-se da vivência hipocondríaca do *Senatspräsident* Daniel Paul Schreber que se alterna com o seu estado delirante (Freud 1911c). Assim a

"a hipocondria é para a parafrenia o que, aproximadamente as outras neuroses atuais são para a histeria e neurose obsessiva" (1914c p81).

Portanto, do ponto de vista de Freud, nestas situações, ocorre uma estase de libido no corpo e suas representações da mesma forma que nas neuroses de transferência ocorre uma estase de libido ao nível das representações-coisa.

No capítulo VII do trabalho sobre o inconsciente (1915e) Freud retorna ao que denomina de processo restitutivo das neuroses narcisistas (1914c p83). Inicia tecendo considerações sobre o que ocorre com a libido nas esquizofrenias que, retirada dos objetos, estabelece uma situação equiparável ao narcisismo primitivo carente de objeto. Isto é o responsável pela apatia total na qual desemboca o processo, originando uma repulsa ao mundo exterior e inacessibilidade terapêutica. Acrescenta Freud que, sobretudo nos estádios iniciais da doença, se observa uma série de *"alterações da linguagem"* (1915e p194). Estas seriam responsáveis pelo modo de expressão rebuscada e amaneirada dos pacientes esquizofrênicos: *"as frases sofrem uma particular desorganização sintática que as tornam incompreensíveis para nós"* (p194). O conteúdo das mesmas reporta-se principalmente a órgãos ou inervações do corpo. Estamos, portanto, diante da hipocondria, ou melhor, da estase libidinal nas representações-corpo. Como exemplos Freud cita casos do doutor Victor Tausk nos quais o primeiro diz respeito a uma paciente que diz ter seus olhos torcidos, pois se identificou com o amado que é um torcedor de olhos. Esta mesma paciente falseou sua posição postural pela mesma razão, isto é, identificou-se com o amado na sua posição falsa: *"o movimento de se colocar de outra maneira, observa Tausk, é uma figuração da mudança de falsear a posição e da 'identificação com o amado'"* (p195). Prossegue Freud ressaltando que o elemento que prevalece é o da inervação corporal:

"Outrossim, uma histérica no primeiro caso teria torcido convulsivamente os olhos e, no segundo, teria executado na realidade uma sacudida no lugar de sentir a sensação do mesmo e, em nenhuma destas situações teria tido um

pensamento consciente sobre isto nem teria exteriorizado o mesmo com posteridade” (p195).

De acordo com Freud, estas situações testemunham a *“linguagem hipocondríaca ou linguagem do órgão”*. Ora as palavras sofrem o mesmo processo de deslocamento e condensação tão característico do processo de figuração onírica. Apresentam a concretude da representação-coisa. Trata-se, no dizer de Aulagnier (1975 p18), *“de um ‘suplemento’ representado pela criação de uma interpretação ‘delirante’ que torna dizíveis”* os efeitos da atração que o originário e o primário exercem sobre a atividade do representar.

Cita Freud outro caso (p 196): um paciente de sua observação abandonou todos os interesses na vida por causa da deterioração que sofre sua pele do rosto. Ocupava-se de suas espinhas e referia que, após espreme-las, formavam-se profundos orifícios: *“joga na sua pele o complexo de castração”*. Prossegue Freud dizendo que esta formação substitutiva apresenta muita semelhança com formações substitutivas da histeria, contudo guarda em relação às mesmas algo estranho:

“Um buraco diminuto dificilmente será tomado por um histérico como símbolo da vagina, que em troca estabelecerá tal relação com todos os objetos possíveis que encerrem um oco” (p197).

Portanto, para Freud o caráter diminuto e múltiplo dos buracos estabelece para estas formações um caráter estranho:

“Nos damos conta de que é o predomínio da referência da palavra sobre a referência da coisa” (p197).

Da mesma maneira descreve outro paciente de Tausk que comunicava sem resistência alguma a razão de sua inibição de calçar as meias: todos buracos eram para ele um símbolo da abertura vaginal e o pé significava um símbolo do pênis assim como cobri-lo, o ato onanista.

“O substituto foi prescrito por semelhança da expressão lingüística, não pelo parecido da coisa designada. Toda vez que ambas, a palavra e a coisa, não coincidem, a formação substitutiva da esquizofrenia diverge da que se apresenta no caso das neuroses de transferência” (p197).

Portanto, para Freud (p198), o sistema inconsciente possui os investimentos de coisa dos objetos e o

"Sistema pré-consciente nasce quando esta representação-coisa é investida novamente pelo enlace das representações-palavra que lhe corresponde" (p198; Freud, 1923b p22).

Assim estes novos investimentos possibilitam a organização psíquica superior e o afastamento do processo primário em relação ao secundário. É, contudo, através do processo repressivo que as marcadas diferenças entre as neuroses de transferência e as neuroses narcisistas e psicoses se tornam mais inteligíveis. Freud pergunta-se de imediato se *"o processo que neste caso temos chamado de repressão tem, todavia algo em comum com as neuroses de transferência"* (p199). Conclui que, embora, o processo de retirada do investimento consciente é comum para ambas afecções, *"esta fuga por parte do ego que ocorre nas neuroses narcisistas é muito mais profunda e radical"* (p200). Prossegue nos dizendo que na esquizofrenia a retirada do investimento pulsional se amplia até a representação-coisa e que a representação-palavra superinvestida não é nada mais que

"O primeiro dos intentos de restabelecimento ou cura que tão chamativamente presidem o quadro clínico da esquizofrenia. Estes empenhos pretendem reconquistar o objeto perdido e pode suceder a partir deste propósito que, tendo empreendido o caminho para o objeto passando pelo componente da palavra, deva se conformar com esta última no lugar das coisas" (p200).

Assim, acrescenta Freud, sempre que

"Pensamos em abstrato nos expomos ao perigo de descuidar os vínculos das palavras com as representações-coisa inconscientes e é inegável que o nosso filosofar cobra então uma intensidade de indesejada semelhança com a modalidade de obrar do trabalho dos esquizofrênicos" (p200).

Poderíamos dizer que as palavras são ocas e que, na tentativa de restituição do vínculo com a realidade são tratadas como se representações-coisa fossem, e se processa *"uma verdadeira química das sílabas"* (Freud 1900a p304).

Partimos, portanto, de duas situações que demonstram o estreito vínculo que a representação-palavra estabelece com a representação-coisa e vice-versa. Nas neuroses de transferência a representação-coisa permanece no inconsciente e, como a mesma é a representante da pulsão, é a partir dela que se estruturam as formações de compromisso

que comprometem inclusive a linguagem falada. Esta é a expressão mais comum da repressão. Já nas neuroses narcisistas e psicoses, no nosso caso, a esquizofrenia, a repressão é bem mais radical. Desinveste a representação-objeto como um todo, inclusive aspectos dela que correspondem à representação-coisa, e na tentativa de restituição, superinveste a representação-palavra. A representação-coisa não é a representante da pulsão e sim da realidade (Freud 1924b p155). Freud ainda não havia conceituado de uma forma acabada os mecanismos da desmentida (*Verleugnung*) e da (*Verwerfung*). Estes foram descritos com mais precisão em 1927(e) e 1918 (b). Porém o que realmente importa neste trabalho, para os nossos propósitos atuais, é o enlace que é operado entre as duas representações mencionadas. No caso das neuroses de transferência, a representação-coisa permanece dentro do sistema inconsciente e a partir da mesma (complexos representacionais), originam-se os sintomas e as desfigurações oníricas (1900a p162). No segundo caso a retração narcisista desinveste inclusive a representação-coisa dando origem à linguagem do órgão, expressão lingüística da hipocondria (representação-corpo).

Ora, como se processa tal enlace entre representações-coisa e palavra? Maldavsky (1977 p48), a partir de inúmeras sugestões de Freud, nos fornece algumas pistas:

"Para Freud a representação-coisa se enlaça através do componente visual com a representação-palavra, a qual se conecta com a coisa mediante o componente acústico".

Para Freud (1981) existem três tipos de enlaces: o verbal, entre os componentes da representação das palavras, o gnóstico, entre a coisa exterior e sua representação e o simbólico, entre as representações de coisa e a palavra. Este último que é o objeto de nosso estudo é, segundo Freud, o mais frágil (1981 p96). Maldavsky (1977 p49), citando Freud, em especial o Projeto refere que o assunto tornou-se mais complexo a partir de algumas sugestões de Freud que acrescentou aos aspectos visuais e acústicos das respectivas representações, componentes cinéticos e tonais (musicais):

"Consiste no enlace dos neurônios Ψ (restos mnêmicos) com neurônios (restos mnêmicos) que servem para a expressão das representações sonoras e que possuem elas mesmas a mais íntima associação com imagens lingüísticas motoras... da imagem sonora, a excitação alcança sempre a imagem-palavra, e desta, a descarga. Portanto, se as imagens mnêmicas (da palavra ouvida) são de tal índole que uma corrente parcial possa ir delas até as imagens

sonoras e motoras da palavra, o investimento das imagens mnêmicas se acompanhará de notícias de descarga que serão os sinais de qualidade e por isso também, sinais de consciência da memória” (1950a p413).

Certamente o sistema que opera para que a notícia da descarga se converta em qualidade é o ω e é a partir de imagens obtidas através desta consciência que se estrutura “*o pensar observador, consciente*” (p413). Portanto, para Freud, quatro são os elementos que interligados constituem a condição *sine qua non* da representação se constituir em representação-palavra e aceder à lógica pré-consciente: componentes visuais, acústicos, sonoros e motores sendo que os sonoros constituem parte dos acústicos propriamente ditos. Estes últimos são os organizadores por excelência da palavra, enquanto que os primeiros da representação-coisa.

A idéia de que o pensamento é uma figuração de um ato de pensamento procede do componente motor que enlaça as representações-coisa com as palavras. Também, como referimos anteriormente neste trabalho, temos uma dimensão mais abrangente da jurisdição que o pré-consciente exerce sobre a descarga motora. Nossos sonhos, como afirma Freud inúmeras vezes (1900a), atingem as dimensões plásticas e dramáticas com as quais estamos familiarizados pela ausência do componente motor ligado ao pré-consciente. Assim, mesmo as imagens verbais que fazem parte de um sonho sofrem esta concretude tão característica dos deslocamentos e condensações pertinentes à representação-coisa e tão próprias do pensamento esquizofrênico que indicam a prevalência do primário sobre o secundário: “*tratam coisas concretas como se fossem abstratas*” (1915e p201; 1900a p302-4) e vice-versa, uma verdadeira “*palavra-coisa-ação*” como propõe Aulagnier (1975 p16). Portanto, para Freud um pensamento consciente não poderá distanciar-se demasiadamente das representações-coisa e, também baseados em Freud, acrescentaríamos, das representações-corpo. De acordo com Aulagnier, o originário, o primário e o secundário atuam simultaneamente e permanentemente facilitando o enlace entre as múltiplas representações e estabelecendo a condição fundamental para que a linguagem humana seja compreensível e veículo da comunicação.

A Guisa de Conclusão: Identificação e Representação

Certamente o exposto nem de longe atinge o objetivo de apreciarmos com toda a profundidade exigida, temas tão complexos como os propostos. Seriam necessárias investigações mais detidas

sobre as características dos enlaces entre as referidas representações entre si próprias e entre as diferentes formas nas quais as mesmas se apresentam. Também seria interessante um estudo mais aprofundado sobre as linguagens do erotismo, isto é, a prevalência de determinadas organizações pré-conscientes nas diversas formas de expressão pulsional. Tal estudo já é objeto de investigação mais detalha por David Maldavsky como demonstram suas últimas publicações (1999; 2000). Antes de terminar gostaria de discutir brevemente o tema das identificações primária e secundária, pois penso que o mesmo refere-se diretamente ao problema das representações e sua forma de processamento. Valho-me de três textos de Freud: do capítulo IV da Interpretação dos Sonhos (1900a), mais especificamente a parte que trata da identificação histórica (p167-8), do capítulo VII da Psicologia das Massas e Análise do Ego (1921c p99-104) e do capítulo III do Ego e o Id (1923b p30-40). Caberia aqui também um exame detido das proposições que faz Freud no capítulo VI de sua Interpretação dos Sonhos (1900a), especialmente das secções referentes à condensação e ao deslocamento com ênfase muito especial à secção três sobre os meios de figuração onírica.

Começemos com a identificação primária. Freud (1923b p31-3) nos diz que

"No começo de tudo, na fase oral primitiva do indivíduo, é completamente impossível distinguir entre investimento de objeto e identificação".

As futuras identificações reforçarão as identificações primárias que são

"O resultado de uma identificação direta e imediata (não mediata) mais precoce do que qualquer investimento de objeto".

Os vínculos assim descritos estão organizados no sentido de ser o objeto (1921c p100). Em Conclusões, idéias e problemas (1941f p301) Freud sintetiza o que compreende por uma identificação que corresponde a ser o objeto:

"Ter' e 'ser' na criança. A criança tende a expressar o vínculo com o objeto mediante a identificação: 'eu sou o objeto'. O 'ter' é posterior, volta-se em direção ao 'ser' após a perda do objeto. 'O peito é um pedaço de mim, eu sou o peito'. Somente depois: 'eu o tenho, portanto, eu não o sou...'"

A mesma ilação de pensamento Freud já formulara em 1925(h p254-6) e em 1930(a p67-9). Trata-se da forma de operar do ego prazer purificado. Portanto, deste ponto de vista, o termo identificação refere-se a um estado de ser do indivíduo onde objeto e sujeito estão confundidos. No momento seguinte, quando o ser possui o objeto, algo de libido narcisista foi perdido. É neste sentido que o irredutível do complexo do semelhante sofre, por obra da desmentida, uma redutibilidade que torna a semelhança uma identidade ilusória. O funcionamento do primário baseado principalmente na causalidade onde a relação de causa e efeito (prazer e desprazer) entre os dois espaços psíquicos admitidos, isto é, o eu e o outro, são reconhecidos, sofre uma permanente oscilação entre tal reconhecimento e a sua desmentida. Como podemos reconhecer tal movimento? Uma das maneiras que o testemunham são, do nosso ponto de vista, os deslocamentos e condensações que sofrem as representações-coisa dentro do primário (Freud 1900a p193; p 311-5). Assim as mesmas são superpostas pelas mais variadas razões onde a parte se confunde com o todo (a "*compulsão a figurar uma unidade entre varias partes*" descrita por Freud (1900a p 194)). E é próprio, portanto, do primário tal forma de representação onde os elementos a serem reconhecidos como separados são novamente superpostos perdendo-se a distancia simbólica tão própria do secundário e que caracteriza a desfiguração onírica (1900a p 193-5; 584). Se, de acordo com dito por Freud (1941f p301), parte da representação-coisa sempre retém libido narcisista, é exatamente esta que tende a desestabilizar a distância simbólica obtida pelo secundário, favorecendo os movimentos de condensação e deslocamento. A caixa de jóias (Freud 1905e p 61), para o primário, não só representa o genital feminino de Dora, como é de fato o genital em si e nela está o reconhecimento da própria castração assim como o reconhecimento da castração do outro. As jóias inclusas dentro da caixa expressam a desmentida da castração do sujeito e do outro. Vemos assim como o complexo do semelhante se estrutura a partir de um movimento complexo de distanciamento e identidade tão própria desta figurabilidade do primário.

Com a prevalência do secundário o menino deverá compreender que

"Assim como o pai ele deve ser, também deve compreender a proibição de que assim como o pai ele não pode ser, pois não pode fazer tudo que o pai faz" (1923b p36).

As identificações secundárias obedecem a outros mecanismos mais complexos onde dos objetos se tomam apenas alguns traços ou aspectos relegando para o inconsciente as identificações primeiras e originais. Estas visam restabelecer o narcisismo irrestrito das

organizações primitivas (1923b p46, 1930a p73). A palavra e sua representação são de fundamental importância para a consolidação das identificações secundárias exatamente pelo aspecto discreto que as mesmas apresentam como foi descrito acima. Talvez uma forma de entendermos com maior profundidade o que pretendemos, possa ser o exame das identificações históricas. Freud (1900a p 100-1) Assim se expressa:

"A identificação é um aspecto extremamente importante para o mecanismo dos sintomas histéricos; por este caminho os enfermos expressam em seus sintomas as vivências de uma série de pessoas... é como se padecessem por todo um grupo de pessoas e figurassem todos os papéis de um drama por seus recursos pessoais... portanto, a identificação não é uma simples imitação, sim apropriação sobre a base de uma mesma reivindicação etiológica; expressa um 'igual que' e se refere a algo comum que permanece no inconsciente".

De uma forma semelhante Freud alude as identificações históricas em outros trabalhos (1921c p100-1):

"Quiseste ser tua mãe, agora o és pelo menos no sofrimento. Eis aqui o mecanismo completo da formação histórica de sintoma".

Podemos, portanto, entender que nestas situações descritas, o que concerne à identificação primária fica sob repressão depositado no inconsciente, enquanto que no pré-consciente aparece a formação substitutiva sintomática. O sintoma é, em última análise, uma identificação primária que não pode estabelecer-se como tal. "As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo da perversão" (Freud 1905e p45). A idéia de que um sintoma possui vários significados simultaneamente e sucessivamente (Freud 1905e p47-8), nos remete à trama representacional do mesmo que permanece no inconsciente. No caso descrito acima da paciente esquizofrênica de Tausk, esta se identificou com o amado e esta situação não submergiu no inconsciente. Ela é de fato o amado. cremos, como foi dito acima que estas situações são muito próprias da forma de obrar do primário com seus deslocamentos e condensações. O secundário, exatamente pela prevalência da representação-palavra não admite tais liberdades, a não ser como as enigmáticas formações de compromisso. O fato de que as identificações primárias cedam espaço para as secundárias pela ação da palavra é indicativo da presença deste mecanismo universal que chamamos de repressão. Penso que com estas últimas considerações

podemos encerrar o presente trabalho sem deixar de apreender o inesgotável do nosso assunto, bem como, diga-se de passagem, da capacidade sem limites da alma humana de representar.

Referências bibliográficas

AURÉLIO: *"Novo Dicionário—Século XXI"*. Editora Nova Fronteira

BION, Wilfred: *"Elementos del psicoanálisis"*, Buenos Aires, hormé, 1966.

CASTORIADES-AULAGNIER, Piera (1975): *"La violencia de la interpretación"*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1997.

ELIADE, Mircea: *"História das crenças e das idéias religiosas"*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1983.

FREUD, Sigmund (1891): *"La Afasia"*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1973.

----- (1900a): *"La interpretación de los sueños"*. In: Sigmund Freud, *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. IV e V.

----- (1901b): *"Psicopatología de la vida cotidiana"*. In: Sigmund Freud, *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. VI.

----- (1905d): *"Tres ensayos de teoria sexual"*. In: Sigmund Freud, *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. VII.

----- (1905e): *"Fragmento de análisis de um caso de histeria"*. In: Sigmund Freud, *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. VII.

----- (1911b): "*Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XII.

----- (1911c): "*Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente (Schreber)*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XII.

----- (1912g): "*Nota sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XII.

----- (1914c): "*Introducción del narcisismo*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIV.

----- (1915c): "*Pulsiones y destinos de pulsión*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIV.

----- (1915e): "*Lo inconsciente*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIV.

----- (1916x): "*Conferencias de introducción al psicoanálisis*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XVI.

----- (1917d): "*Complemento metapsicológico de la doctrina de los sueños*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIV.

----- (1917e): "*Duelo y melancolía*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIV.

----- (1918h): "*De la historia de una neurosis infantil*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XVII.

----- (1920g): "*Más allá del principio de placer*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XVIII.

----- (1921c): "*Psicología de las massas y análisis del yo*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XVIII.

----- (1923b): "*El yo y el ello*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIX.

----- (1923d): "*Una neurosis demoníaca en el siglo XVII*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIX.

----- (1924b): "*neurosis y psicosis*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIX.

----- (1924c): "*El problema económico del masoquismo*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIX.

----- (1925a): "*Nota sobre la 'pizarra mágica'*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XIX.

----- (1925h): "*La negación*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, 1988, Vol. XIX.

----- (1926d): "*Inhibición, síntoma y angustia*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XX.

----- (1927e): "*Fetichismo*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XXI.

----- (1930a): "*El malestar em la cultura*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XXI.

----- (1940a): "*Esquema de psicoanálisis*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XXIII.

----- (1941f): "*Psicoanálisis y telepatía*". In: Sigmund Freud, Obras Completas, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XVIII.

----- (1941f): "*Conclusiones, ideas, problemas*". In: Sigmund Freud, *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. XXIII.

----- (1950a): "*Proyecto de Psicología*". In: Sigmund Freud, *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. I.

----- (1950): "*Carta 52*". In: Sigmund Freud, *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988, Vol. I.

MACHADO, Roaldo (1992): "*O ego da realidade original: uma aproximação freudiana do fenômeno psicossomático*". *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, Vol. 14(3): 201-209, set. /dez. 1992.

----- (1994): "*A dor: uma abordagem freudiana do fenômeno psicossomático*". *Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul*. Vol. 16(20): 107-112, mai./ ago. 1994.

----- (2001): "*As cartas 46 e 52 de Freud a Fliess: significado para a obra freudiana e a psicanálise contemporânea*". *Revista de psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, Vol. VIII (2), 247-259. 2001.

----- (2003): "*Uma hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional: Rapsódia de Agosto*". *Revista de psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, Vol. X (1), 71-85, 2003.

MALDAVSKY, David (1977): "*Teoría de las representaciones*". Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1977.

----- (1980): "*El complejo de Edipo positivo*". Buenos Aires, Amorrortu editores, 1982.

----- (1986): "*Estructuras narcisistas: constitucion y transformaciones*". Buenos Aires, Amorrortu editores, 1986.

----- (1999): "*Linguajes delo erotismo: investigaciones teórico-clínicas en neurosis y psicosis*". Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1999.

----- (2000): *"Lenguaje, pulsiones, defensas: rede de signos, secuencias narrativas y procesos retóricos en la clínica psicoanalítica"*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 2000.